

**MÚSICA, FASCISMO E ÓDIO: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DO BLACK METAL NACIONAL-SOCIALISTA (NSBM)****MUSIC, FASCISM, AND HATE: A PSYCHOANALYTIC ANALYSIS OF NATIONAL SOCIALIST BLACK METAL (NSBM)** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.012-050>**Wilson Gomes de Moura**

Doutor em Psicologia, Psicanalista, Professor Universitário e Diretor do Instituto de Pesquisa e Clínica Psicanalítica de São Luís – Percursus  
E-mail: [wilsongmoura@gmail.com](mailto:wilsongmoura@gmail.com)

**RESUMO**

O presente estudo analisa o Black Metal Nacional-Socialista (NSBM) sob a perspectiva psicanalítica, investigando como a música, a estética e a ideologia desse movimento contribuem para a disseminação de discursos de ódio, intolerância e fascismo entre jovens. Observa-se que o gênero Black Metal, marcado historicamente por violência, transgressão e rebeldia, desenvolveu uma estética própria, incluindo *corpse paint* e uma iconografia macabra, que reforça sua identidade de ruptura com normas sociais e religiosas. O Black Metal Nacional-Socialista (NSBM) emerge como um desdobramento desse movimento, propagando ideais neonazistas por meio de letras, símbolos e performances, legitimando a supremacia ariana e a exclusão de grupos considerados “sub-humanos”. A análise evidencia a força das massas sobre o indivíduo, mostrando como processos inconscientes na adesão à massa reforçam comportamentos extremistas. A relevância do tema justifica-se social, política e cientificamente, permitindo compreender os mecanismos de atração e disseminação de ideologias extremistas e apontando para a necessidade de estratégias de enfrentamento que envolvam educação e reflexão crítica.

**Palavras-chave:** Black Metal Nacional-Socialista (NSBM); Fascismo; Discurso de ódio; Psicanálise; Estética musical.

**ABSTRACT**

This study examines National Socialist Black Metal (NSBM) from a psychoanalytic perspective, investigating how the music, aesthetics, and ideology of this movement contribute to the dissemination of hate speech, intolerance, and fascism among young people. It is observed that the Black Metal genre, historically marked by violence, transgression, and rebellion, has developed a distinctive aesthetic, including corpse paint and macabre iconography, which reinforces its identity as a rupture from social and religious norms. National Socialist Black Metal (NSBM) emerges as a derivative of this movement, promoting neo-Nazi ideals through lyrics, symbols, and performances, legitimizing Aryan supremacy and the exclusion of groups considered “sub-human.” The analysis highlights the power of the masses over the individual, showing how unconscious processes in mass adherence reinforce extremist behaviors. The relevance of this topic is justified socially, politically, and scientifically, as it allows for a better understanding of the mechanisms of attraction and dissemination of extremist ideologies and points to the need for strategies to confront them through education and critical reflection.

**Keywords:** National Socialist Black Metal (NSBM); Fascism; Hate speech; Psychoanalysis; Musical aesthetics.



## 1 INTRODUÇÃO

O black metal, na atualidade, espalhou-se por diferentes países e consolidou-se como um gênero musical que desperta, ao mesmo tempo, fascínio e rejeição. Embora tenha surgido como forma de crítica ao cristianismo hegemônico no Ocidente, ganhou força quando jovens noruegueses passaram a utilizá-lo como instrumento de preservação da identidade nacional, do paganismo e das tradições ancestrais, adotando práticas extremas, entre elas a queima de igrejas históricas.

Nesse contexto, surgiu uma vertente específica, o Black Metal Nacional-Socialista (NSBM), que, embora se mantenha vinculado esteticamente e musicalmente ao black metal, distingue-se pelo conteúdo ideológico de suas produções. Suas letras incorporam elementos da ideologia neonazista, como a intolerância, o discurso de ódio e a superioridade da raça ariana sobre outras etnias. O NSBM, assim, ultrapassa os limites de uma manifestação cultural e musical, operando como veículo de difusão de valores extremistas que se articulam em torno da ideia de pureza racial, da exaltação do passado mítico e da rejeição à diversidade cultural.

O problema de pesquisa situa-se na intersecção entre subculturas musicais extremistas e a propagação de ideologias de ódio, tendo como objeto central o Black Metal Nacional-Socialista (NSBM). Observa-se a produção e circulação significativa de materiais musicais e simbólicos associados a essa vertente em plataformas digitais e em eventos presenciais, além da interação entre grupos internacionais de extrema-direita.

Para preencher essa lacuna, o presente estudo adota a psicanálise como aporte teórico, de modo a investigar os processos inconscientes que sustentam a psicologia das massas, a coesão grupal, a adesão a ideologias autoritárias e a expressão coletiva do ódio. A perspectiva psicanalítica permite, assim, articular dimensões individuais e coletivas, possibilitando compreender como elementos inconscientes, simbólicos e afetivos operam na constituição da identidade dos adeptos e na legitimação de práticas de intolerância e de exclusão.

Diante desse contexto, o problema de pesquisa pode ser assim formulado: De que maneira o movimento Black Metal Nacional-Socialista (NSBM) mobiliza elementos musicais, simbólicos e ideológicos para articular e difundir concepções fascistas e discursos de ódio, e quais processos psicológicos favorecem a adesão e a radicalização de seus seguidores?

A escolha do Black Metal Nacional-Socialista (NSBM) como objeto de pesquisa se justifica pela relevância social, política e científica do tema.

Em primeiro lugar, no plano social e político, o estudo se mostra pertinente diante do crescimento de movimentos extremistas e da circulação de ideologias fascistas no cenário contemporâneo, frequentemente potencializadas pelo ambiente digital. O NSBM constitui um exemplo desse fenômeno, na medida em que associa práticas culturais, como a música, o uso de símbolos e a organização de eventos, a



discursos de ódio direcionados a minorias étnicas, religiosas e de gênero. A análise desse processo é essencial para compreender de que modo conteúdos de natureza discriminatória e violenta são legitimados e propagados em espaços culturais, exercendo atração e influência sobre os grupos.

Em segundo lugar, a relevância científica decorre da carência de estudos aprofundados sobre o Black Metal Nacional-Socialista (NSBM). Embora haja crescente produção acadêmica sobre extremismos políticos, terrorismo e subculturas musicais, ainda são escassas as pesquisas que investigam a articulação entre música, ideologia fascista e processos de radicalização. Essa lacuna se torna ainda mais evidente quando se observa a quantidade expressiva de álbuns produzidos pelas bandas, a circulação internacional desses materiais e sua presença em plataformas digitais de amplo alcance, como Spotify, Letras e Músicas, YouTube e Hammerstorm<sup>1</sup>.

A utilização de referenciais psicanalíticos amplia a relevância desta investigação, ao permitir compreender não apenas as dinâmicas sociopolíticas e culturais, mas também os mecanismos psicológicos que sustentam a adesão, a coesão grupal e a expressão coletiva do ódio. Ao integrar as dimensões simbólica, estética, ideológica e psíquica, este estudo pretende contribuir para o campo das ciências humanas e sociais, oferecendo subsídios tanto para a análise crítica do fenômeno quanto para a formulação de estratégias de enfrentamento da disseminação de discursos extremistas.

O estudo será estruturado em cinco capítulos: o Capítulo 1 apresenta esta introdução, contextualizando o tema e explicitando o problema de pesquisa; o Capítulo 2 aborda a origem do Black Metal, destacando suas características estéticas e culturais; o Capítulo 3 analisa o Black Metal Nacional-Socialista (NSBM) e seu discurso de ódio, com foco em duas letras da banda ucraniana *Aryan Terrorism*; o Capítulo 4 oferece uma análise psicanalítica do Black Metal Nacional-Socialista (NSBM), investigando os processos inconscientes que sustentam a adesão e a coesão grupal; e, finalmente, o Capítulo 5 apresenta as considerações finais, refletindo sobre a relevância social, política e científica do estudo.

## 2 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, interpretativo e descritivo-analítico. O objetivo central é compreender, a partir do referencial psicanalítico, de que forma o movimento Black Metal Nacional-Socialista (NSBM) mobiliza elementos musicais, simbólicos e estéticos para a construção de identidades coletivas, a disseminação de discursos de ódio e a consolidação de práticas de intolerância.

O percurso metodológico será estruturado em duas etapas principais, articuladas de forma complementar. A primeira consistirá em uma revisão bibliográfica, contemplando obras acadêmicas e

---

<sup>1</sup> Site de música dedicado a propagação de bandas com ideologia nazifascista.



artigos científicos relacionados ao Black Metal, e ao NSBM, ao fascismo, à psicologia das massas e à psicanálise. Essa etapa fornecerá um referencial teórico sólido, situando o movimento em seu contexto histórico, social e cultural e permitindo a definição de categorias analíticas fundamentais.

A segunda etapa compreenderá a análise de duas composições da banda ucraniana *Aryan Terrorism*, utilizando simultaneamente técnicas de análise de conteúdo e análise discursiva, de modo a identificar as temáticas centrais do nazifascismo, como supremacia branca, racismo e discurso de ódio, e examinar como tais ideologias são articuladas, naturalizadas e reforçadas tanto linguisticamente quanto musicalmente.

A integração das duas etapas permitirá uma interpretação crítica e psicanalítica sobre a relação entre estética musical, ideologia fascista e psicologia das massas no âmbito do Black Metal Nacional-Socialista (NSBM), contribuindo para compreender os mecanismos de legitimação e reprodução do discurso extremista em espaços culturais alternativos.

### **3 ORIGEM DO MOVIMENTO BLACK METAL**

O black metal surge na década de 80 como um subgênero do Heavy Metal, e pode ser dividido em dois momentos: a primeira onda do black metal (*First Wave of Black Metal*) e o verdadeiro black metal norueguês (*True Norwegian Black Metal*). Segundo Campoy (2010, p.4) “o black metal é uma ideologia e uma conduta, uma moral negadora de alguma visão de cristianismo, muitas vezes de toda religião, e uma ética pela qual vive-se essa negação”.

A primeira onda do black metal (*First Wave of Black Metal*) surgiu com o lançamento de um álbum da banda inglesa Venom, intitulado *Black Metal*, que inaugurou o conceito por meio de suas letras e ideologia. Após esse lançamento, o estilo musical começou a ganhar adeptos, dando origem a novas bandas, como Bathory (Suécia), Hellhammer (Suíça), Mercyful Fate (Dinamarca), Poison (Alemanha) e Sarcófago (Brasil), estabelecendo tanto uma identidade sonora como uma filosofia de vida.

Já o verdadeiro black metal norueguês (*True Norwegian Black Metal*) surge no início da década de 90, na Escandinávia como uma crítica ao processo de americanização e cristianização promovida pela globalização. Bandas como Mayhem, Darkthrone, Burzum, Satyricon e Immortal ajudaram a moldar essa segunda fase, formando parte de um círculo bastante específico e seletivo de propagadores dessa estética. Para Campoy (2010, p.25) as bandas norueguesas responsabilizavam o cristianismo por apagar a cultura ancestral, assim, “Os povos nórdicos teriam sido forçados a renegar seu vasto e politeísta panteão de deuses em prol de uma religião estrangeira, baseada no culto a uma ‘imagem’ de um deus fraco”.

O Verdadeiro Black Metal Norueguês (*True Norwegian Black Metal*) destaca-se por sua estética sombria, pela sonoridade agressiva e por composições que exploram temas como satanismo, paganismo, suicídio, ancestralidade, entre outros. O movimento alcançou repercussão internacional na primeira metade da década de 1990, quando passou a ocupar espaço na mídia mundial em virtude de sua associação a

episódios de assassinato, suicídio, incêndio de igrejas históricas, práticas homofóbicas e aproximações com ideologias nazifascistas. Contudo, é importante ressaltar que essa vinculação com o nazifascismo não se estendeu a todas as bandas da cena, uma vez que muitas delas mantiveram distância de tais posicionamentos políticos, priorizando exclusivamente a expressão artística e musical originária do black metal.

A história de violência e atos criminosos passa diretamente pelo surgimento da banda de black metal norueguesa Mayhem. A banda foi fundada em 1984 pelo guitarrista Østein Aarseth mais tarde conhecido pelo pseudônimo de “Euronymous”, dois anos depois, junto com mais dois integrantes eles lançam o álbum *Deathcrush*. Segundo Costa (2021), em 1988, com a entrada do novo vocalista Per Yngve Ohlin, conhecido como “Dead”, cuja personalidade era marcada por traços depressivos e sombrios, e sob a liderança de Euronymous, a banda passou a adotar uma nova forma de viver e produzir música.

Moynihan e Soderlind (2022) destacam que uma das características mais marcantes de *Dead* era sua obsessão pela morte, a qual se manifestava durante os shows por meio de automutilações e do uso de adereços que evocavam a temática da morte. Junto a Euronymous, ele introduziu nos palcos e na cena do black metal o *corpse paint* — pinturas faciais cadavéricas em branco e preto —, que conferiam uma atmosfera ainda mais sombria e macabra às apresentações, prática que rapidamente foi seguida e adotada por diversas bandas do cenário.

Em 1991, na casa que dividia com Euronymous, Dead cortou seus pulsos e atirou contra a cabeça com uma escopeta. Moraes (2014) observa que Euronymous foi a primeira pessoa a se deparar com o corpo de *Dead*; entretanto, em vez de acionar a polícia, dirigiu-se à loja mais próxima em busca de uma câmera fotográfica para registrar a cena. As imagens obtidas foram posteriormente utilizadas na capa do álbum ao vivo da banda Mayhem, *Dawn of the Black Hearts* (“Aurora dos Corações Negros”), lançado em 1995. Além disso, Euronymous teria recolhido fragmentos do crânio de *Dead*, distribuindo-os entre os integrantes da banda e amigos próximos para serem utilizados como talismãs.

A postura de Euronymous tornou o movimento muito conhecido e contribuiu para a criação de sua própria gravadora a *Deathlike Silence Productions* (DSP) e abertura da loja de discos *Helvete*. Local que se tornou ponto de encontro de todos os simpatizantes do black metal, surgia assim o *Inner Circle* (círculo interno).

Varg Vikernes tomou conhecimento do movimento criado por Euronymous em Oslo e passou a fazer parte dele, tornando-se posteriormente um dos membros mais influentes do *Inner Circle* e da cena black metal. Fundou sua própria banda, *Burzum*, e, convicto de suas ideologias, demonstrava disposição de levá-las às últimas consequências.

Liderado por Varg Vikernes, em junho de 1992, a igreja histórica de Fantoft, em Oslo, foi incendiada; a partir desse episódio, várias outras igrejas sofreram o mesmo destino, e o movimento tornou-



se mais extremo, violento e radical, culminando em uma onda de crimes. Estima-se que aproximadamente 50 igrejas tenham sido queimadas na Noruega durante esse período (Moynihan e Soderlind, 2022).

Com o crescimento do movimento, tensões internas começaram a surgir. Em 10 de agosto de 1993, Euronymous e Varg Vikernes se encontraram para resolver divergências; contudo, uma discussão evoluiu para um confronto físico, durante o qual Varg esfaqueou Euronymous 23 vezes. Em razão desses atos, ele foi preso e condenado a 21 anos de prisão por assassinato, pelos incêndios a três igrejas, pela tentativa de incendiar uma quarta e pelo roubo e armazenamento de aproximadamente 150 kg de explosivos (Moynihan e Soderlind, 2022).

Especula-se que a origem do conflito tenha sido uma disputa contratual e financeira relacionada às gravações do Burzum, mas alguns estudiosos apontam que divergências ideológicas também estiveram em jogo. Varg Vikernes defendia a implantação de ideologias neonazistas no movimento black metal, posição que Euronymous não compartilhava. Segundo Moraes (2014, p.51), Euronymous estava mais alinhado ao satanismo e a um ideário político de esquerda voltado ao comunismo soviético, “enquanto Varg tinha uma ideia específica de odinismo, ao mesmo tempo em que defendia posturas políticas de extrema direita, como o nazismo, ao ponto de declarar abertamente a defesa da segregação racial e o combate à imigração na Escandinávia”.

#### **4 BLACK METAL NACIONAL-SOCIALISTA (NSBM) E O DISCURSO DE ÓDIO**

O surgimento do Black Metal Nacional-Socialista (NSBM) no interior do movimento black metal remonta a Varg Vikernes, que defendia pautas nacionalistas fundamentadas na supremacia da raça ariana, na intolerância ao estrangeiro e no antissemitismo, articulados por meio de uma linguagem mitológica nórdica. Conforme observa Sena (2019), nas letras e na ideologia do NSBM é possível identificar um forte vínculo com o passado heroico, com as tradições e com a ancestralidade associada ao paganismo nórdico, de caráter eurocêntrico e representativo dos valores do homem branco-europeu. De certo modo, as ideias nazistas evocam noções de lugar, história, identidade, sangue e cultura tradicional, elementos que também constituem características do black metal.

No livro *Um Conto de Bardo*, escrito pelo próprio Varg Vikernes durante o período em que esteve preso, o autor registra suas reflexões sobre o paganismo, nacionalismo, bem como acerca de outros temas.

Na terceira parte da obra, no capítulo intitulado *O Deus Branco*, apresenta-se, em forma de narrativa mitológica, sua visão sobre a supremacia da raça branca em relação às demais. Nessa narrativa, Odin (Svarog), o pai celestial, ordena a seu filho Heimdallr (Belobog/Kolada) que crie uma raça digna de homens, visto que os humanoides, vermes, anões e gigantes já existiam, mas não possuíam utilidade ou valor para Odin (Vikernes, 2006).



No processo de criação da humanidade, Heimdallr (Belobog/Kolada) criou inicialmente a raça conhecida como os parentes de Thrall, descritos como feios, de pele escura e enrugada, costas curvadas, narizes tortos e calcanhares alongados. Insatisfeito com a primeira raça humana, elaborou uma segunda, denominada de homens livres, caracterizada pela pele vermelha, cabelos castanho-avermelhados e olhos vigilantes. Ainda não satisfeito, Heimdallr (Belobog/Kolada) criou a família dos Nobres, formada por indivíduos de cabelos loiros, pele clara e olhos claros, afiados como os de um dragão (Vikernes, 2006).

Contente com essa última criação, Odin (Svarog) concedeu à raça Nobre o acesso à sabedoria e estabeleceu com ela um vínculo paternal. Dessa forma, narra-se a origem da raça Nobre (o nórdico europeu) pelo Deus Branco, sendo apenas concedida a ela, o privilégio de assentar-se ao lado de Odin no Paraíso (Vikernes, 2006).

O movimento black metal, que em sua origem se configurava como contracultural e marcado pela aversão a qualquer associação com ideologias políticas, gradualmente passou a assumir uma postura politizada vinculada ao discurso neonazista e de extrema-direita. O neonazismo manifesta-se nas bandas de Black Metal Nacional-Socialista (NSBM) de maneira direta, por meio de iconografias visuais e letras.

Sena (2019, p. 95) observa que essas bandas recorrem, por exemplo, ao uso de imagens de guerra nas capas dos discos, “como no disco *Panzer Division Marduk*, lançado em 1999 pela banda sueca Marduk, cuja capa traz um tanque de guerra Panzerkampfwagen VI Tiger da Divisão Panzer nazista, uma das divisões do exército nazista mais famosas em combate”. Esse posicionamento também aparece de forma indireta, em letras que abordam o ódio à sociedade judaico-cristã, o orgulho do sangue, da terra e da ancestralidade.

A ideologia Black Metal Nacional-Socialista (NSBM) está muito alinhada ao discurso fascista, pois segundo Stanley (2019) a política fascista estrutura-se a partir da ideia de resgatar um passado mítico, idealizado como origem pura e redentora; a manipulação sistemática da propaganda; o anti-intelectualismo; a produção de uma realidade paralela ou irrealidade; a retórica da vitimização; os apelos à noção de pátria; e, finalmente, a desarticulação da solidariedade social e do bem-estar coletivo. Eco (2018), observa que esses elementos constituem um “fascismo eterno” que, embora se manifeste de formas distintas em cada período histórico, conserva um núcleo estrutural reconhecível no cenário contemporâneo.

Nesse sentido, a análise crítica de Adorno acerca do fascismo também se mostra pertinente. Para ele, a ascensão de regimes autoritários está diretamente vinculada à lógica da indústria cultural e às condições sociais que favorecem a massificação e a regressão da consciência. Em obras como *A personalidade autoritária* (1965) e *Dialética do Esclarecimento* (2014), em coautoria com Horkheimer, Adorno evidencia como a combinação entre a racionalidade instrumental, a padronização cultural e os mecanismos de manipulação de massas criam terreno fértil para a difusão de discursos fascistas.

O fascismo não se reduz a um fenômeno político isolado, mas configura-se como um processo social e cultural que atua sobre a subjetividade, mobilizando afetos de ódio, ressentimento e submissão à autoridade. À luz dessas perspectivas, o Black Metal Nacional-Socialista (NSBM) no cenário contemporâneo pode ser compreendido como uma atualização dessas dinâmicas, ressignificando-as dentro do universo musical e cultural no qual se insere, ao mesmo tempo em que mobiliza estruturas simbólicas e afetivas que reiteram o núcleo ideológico do fascismo.

Em uma entrevista, Thomas Gabriel, guitarrista, vocalista e fundador da banda suíça Hellhammer, foi indagado acerca da veracidade das acusações de presença de ideias nazifascistas e racistas no interior do movimento black metal. Sua resposta foi a seguinte: “Eu vou colocar assim, nós não gostamos de negros aqui. Black metal é pra brancos [...] Eu estou convencido de que há diferença entre as raças assim como há entre qualquer coisa” (Moynihan e Soderlind, 2022, p.592).

Essa relação entre o movimento Black Metal Nacional-Socialista (NSBM) e discursos extremistas pode ser observada na letra “*A National Socialistic Call*”, da banda ucraniana *Aryan Terrorism*, disponível na plataforma brasileira Letras e Músicas, que expressa de forma direta a ideologia neonazista de ódio, perseguição e extermínio direcionada ao povo negro, referenciado pela expressão racista *nigger*.

É um dia de sol, botas pesadas marcham no terreno. Matilha de lobos, cães de caça arianos, onde é que vocês, *nigger* de merda, estão!?! O cheiro dos macacos faz-me cuspir, bate, bate, bate, bate. O planeta não aguenta os pés dos filhos da puta, devem comer a sua própria merda fedorenta. Matem os *niggers*, Matem a todos. Um apelo nacional-socialista. Puxa o gatilho, atira em todos os sub-humanos. Uma nova ordem para um novo mundo. Poder Branco! Os dias de sol para os *niggers* ficaram para trás, não nos podemos sentir livres dos malditos porcos de pele negra. É preciso acabar com os crimes sub-humanos, façam-no agora porque não temos tempo. Os bastardos de cor violam as nossas meninas, os sub-humanos vendem drogas aos nossos filhos. Eles estão no governo - é uma merda! É altura de continuar, não desperdicem palavras! (tradução nossa)<sup>2</sup>

O texto inicia evocando imagens de marchas militares, as hordas, como são chamados dentro do movimento, eles estão em marcha contra os inimigos. — “botas pesadas marcham no terreno” — e a metáfora sobre os seguidores do movimento — “matilha de lobos, cães de caça arianos” — para enfatizar tanto a disciplina bélica quanto a ideia de uma comunidade unificada em torno da identidade racial. A oposição ao inimigo, referido de forma recorrente pelo termo racista *nigger*, é marcada pelo desprezo e discriminação, quando os negros são descritos como “macacos” e “sub-humanos”. Tal estratégia discursiva

<sup>2</sup> It is sunny day Around. Heavy boots march on the grounds. Pack of wolves, an Aryan hounds. Where you fucking niggers are!?! The smell of monkeys makes me spit. Beat beat beat them fucking beat. The planet can't stand motherfucker's feet. They must eat their own stinky shit. Shoot the niggers, Shoot them fucking all. A National Socialistic Call. Pull the trigger, Shoot subhuman all. A New Order for a New World. White Power! The sunny days for nigger left behind. We cant feel free of fucking black skin swines. One must stop subhuman crimes. Do it now for we don't have a time. The coloured bastards rape our girls. Subhuman sells our children drugs. They are in the government - it fucking sucks! It's time to go on, waste no words!



busca não apenas inferiorizar, mas retirar qualquer reconhecimento de humanidade, legitimando, assim, o apelo à violência.

O discurso explicita a defesa da eliminação física: “Matem os *niggers*, Matem a todos”, o que configura a letra como uma apologia direta ao genocídio racial. Em paralelo, articula-se a noção de “nova ordem” e “novo mundo”, vinculada à ideologia do **nacional-socialismo**, onde a supremacia branca é tomada como fundamento para a reorganização social.

Outro aspecto relevante é a inserção de estereótipos racistas amplamente difundidos pelo discurso neonazista, como a associação entre pessoas negras e criminalidade (“vendem drogas aos nossos filhos”), violência sexual (“violam as nossas meninas”) e corrupção política (“eles estão no governo”). Esses elementos operam como dispositivos retóricos de legitimação da violência, ao representar o “outro” como ameaça existencial que deve ser eliminada.

Em síntese, a letra revela como o movimento Black Metal Nacional-Socialista (NSBM) atua como veículo de propagação de ideologias de ódio, combinando violência verbal e apelos à ação direta contra minorias raciais. Não se trata apenas de uma manifestação estética musical, mas de um discurso explicitamente político e genocida, que busca reforçar no público a identificação com a supremacia branca e o engajamento ativo em práticas de exclusão e violência.

A ideologia nazifascista manifesta-se no contexto do movimento Black Metal Nacional-Socialista (NSBM), no qual certos grupos sociais são construídos como inimigos. Esse processo, conforme analisado por Arendt (2006) em *Origens do totalitarismo*, constitui um mecanismo central de consolidação do poder autoritário: ao excluir segmentos da população da esfera de reconhecimento como seres humanos, compromete-se a possibilidade de empatia e solidariedade entre os cidadãos, legitimando práticas de violência. Percebe-se que a divulgação da propaganda neonazista e o discurso de ódio pelas bandas de Black Metal Nacional-Socialista (NSBM) nas plataformas digitais de música, no Youtube e nos shows desperta uma cultura *copycat* que segundo Desimoni (2024) estimularia o aprendizado e a prática criminal do sujeito exposto a esse tipo de conteúdo.

Kehl (2020, p. 201) liga o racismo e o fascismo a patologias sociais, enfatizando que elas “podem ser formas de compensação narcísica do sentimento de insignificância dos homens anônimos e infames; modos ressentidos de negação das condições da modernidade democrática, nascidas dos impasses criados por essas mesmas condições”. Esse aspecto pode ser observado em outra composição da banda ucraniana *Aryan Terrorism*, disponibilizada na plataforma Letras e Músicas, intitulada “*Our Banner, Swastika!*” – *Nosso Estandarte, a Suástica!*. A canção exalta a supremacia branca e expressa discurso de ódio direcionado à população judaica, ao mesmo tempo em que constrói uma narrativa de vitimização e ressentimento dos “arianos” diante de uma suposta conspiração global, representada pelo *Z.O.G. (Zionist Occupied Government)*.



Quando o Z.O.G tem um poder que nós não temos só há uma solução – uma resistência branca, terrorismo branco e guerra total. Lavagem cerebral através de mentiras da mídia de massa alimentadas pelas mãos de um judeu democracia? Nós não estamos nem aí para isso, anti-sistema sub-humanos tomam um lugar sob o nosso sol – Kolovrat. Terras arianas afogam-se em sangue. Nossos filhos morrem de drogas, o genocídio é imposto sobre nós, mas nós somos os deuses os senhores da terra – uma raça branca! É um presente dos grandes deuses! ainda assim a anticultura judaica tem a ousadia de tentar quebrar as costas do nosso orgulho com suas igrejas e sinagogas quando a pureza é esquecida pelos sem-orgulho é o fim dos dias. Temos que fazer uma escolha - Liberdade ou escravidão? o Z.O.G nos extermina um por um, nos aprisionando e matando nossos líderes, mas nós somos o povo ariano, nosso estandarte – Suástica! (tradução nossa).<sup>3</sup>

A letra da música apresenta de forma explícita os principais elementos constitutivos da ideologia neonazista propagada pelo Black Metal Nacional-Socialista (NSBM). O texto constrói uma narrativa de guerra total, onde o grupo “ariano” é representado como vítima de uma conspiração global atribuída ao chamado *Z.O.G. (Zionist Occupied Government)*, expressão recorrente em discursos neonazistas para designar uma suposta dominação judaica sobre governos e instituições. Nesse sentido, a música reforça uma visão conspiratória em que judeus são descritos como responsáveis por “mentiras da mídia”, pela corrupção da cultura e até mesmo pela destruição física da “raça ariana”.

Além disso, a letra mobiliza símbolos fortemente associados ao nazismo, como a suástica e o Kolovrat (um símbolo eslavo apropriado por grupos neonazistas), reforçando uma identidade coletiva baseada em mitos de pureza racial, tradição ancestral e destino heroico. O discurso musical constrói uma oposição radical: de um lado, os “arianos” apresentados como “deuses” e “senhores da terra”; de outro, os “sub-humanos”, categoria desumanizadora que legitima a violência e a eliminação física desses grupos.

No contexto do Black Metal Nacional-Socialista (NSBM), esse tipo de produção musical não se limita apenas à esfera artística, mas desempenha também uma função ideológica e propagandística, mobilizando símbolos do nazismo e retóricas racistas, letras como essa procuram reforçar identidades coletivas baseadas na exclusão e na hierarquização racial, articulando-se a um imaginário político que legitima a violência contra grupos considerados “inimigos”.

Assim, a canção evidencia como o NSBM articula elementos musicais, simbólicos e políticos em torno de um projeto de naturalização do ódio racial e da violência. Ao transformar o discurso neonazista em experiência estética, essas produções contribuem para a banalização de ideologias de extrema-direita e para a legitimação de práticas excludentes e violentas no campo cultural.

---

<sup>3</sup>When Z.O.G. has a power we don't, there's only one solution: a White resistance, aryan terrorismo, and total war. Brainwash through mass media lies, fed by hands of a Jew. Democracy? We don't fucking care about this. anti-system, subhuman's take a place under our sun – Kolovrat. Aryan lands drown in blood, our children dying of drugs, genocide is aken upon us, but we are the gods, the masters of the earth – a White race! It's a gift of the great gods! Yet Jewish anti-culture has a nerve to try to break the back of our Pride, with their churches and synagogues. When the purity is forgotten by the proudless ones, it's a final days. We have to take a choice – Freedom or slavery? Z.O.G. exterminates us one by one, by imprisoning us and killing our leaders. But we are Aryan people, our banner – Swastika!



Moyniham e Soderlind (2022) relatam uma entrevista com Katrine Fanger, socióloga e pesquisadora da cena extremista de direita na Noruega. Quando questionada sobre a existência de algum impacto ou influência do uso de propaganda neonazista e do simbolismo presente nos atos performáticos e rituais realizados por bandas de Black Metal Nacional-Socialista (NSBM) sobre o estado mental das pessoas, ela respondeu: “Vai definitivamente causar alguma coisa em uma pessoa participar de rituais envolvendo sangue, etc. Há um simbolismo poderoso em tais atos, e eles desafiam forças inconscientes. Alguns podem perder seu chão aqui” (Moyniham e Soderlind, 2022, p.623).

Diante disso, existe a necessidade de uma análise mais aprofundada da dinâmica psicológica envolvida, especialmente considerando como indivíduos podem ser influenciados quando estão em grupo. Nesse sentido, o próximo capítulo abordará a psicologia das massas sob a ótica da psicanálise, buscando compreender os mecanismos inconscientes que facilitam a adesão e a atuação coletiva em contextos ideológicos radicais.

## **5 O BLACK METAL NACIONAL-SOCIALISTA (NSBM) SOB UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

Em 1921, Freud publicou o texto intitulado *Psicologia das massas e análise do Eu*, no qual busca compreender, à luz da psicanálise, os fenômenos relacionados aos grupos. Nesse trabalho, ele investiga questões como: o que os indivíduos ganham em termos de coesão e segurança ao integrar um grupo? Por que o indivíduo abdica de sua liberdade de pensar e de sua capacidade de julgamento para permanecer ligado a um grupo e sua ideologia? E por que as inibições diminuem de modo a permitir ódios mortais contra os outros quando o indivíduo se encontra dentro de um grupo?

A preocupação de Freud ao escrever esse texto decorre do fato de que a lembrança da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) ainda estava muito presente na mente das pessoas, e muitos de seus trabalhos desse período refletem seu interesse em compreender melhor o ser humano e seu poder destrutivo. Na introdução do texto, Freud (2011) enfatiza que a psicologia individual se dirige ao sujeito em particular, investigando os caminhos que ele utiliza para satisfazer suas pulsões. Contudo, “Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e, portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social” (Freud, 2011, p. 10).

Com a ascensão do nazismo, em janeiro de 1933, foram publicados, no mesmo ano, dois textos propondo uma análise psicológica do fascismo a partir do quadro proposto por Freud em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. São eles: *A estrutura psicológica do fascismo*, de Georges Bataille, e *Psicologia de massas do fascismo*, de Wilhelm Reich. Esses dois textos, escritos por autores que não se conheciam, irão inaugurar uma longa série de trabalhos que procurarão utilizar conceitos clínicos para dar conta tanto do fascismo como de seus mecanismos imanentes como o antissemitismo, o totalitarismo, a intolerância, a



concepção orgânica do corpo social com sua forma de vínculo ao território, o nacionalismo militarista e a concepção de identidade.

Para Freud (2011, p.11) “a psicologia de massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim”. Dessa forma, os indivíduos que se identificam com o movimento Black Metal Nacional-Socialista (NSBM) podem ser analisados à luz do conceito de grupo desenvolvido por pensadores como Freud, Bataille e Reich.

Esses sujeitos se vinculam por meio de uma ideologia que combina elementos de ancestralidade, nacionalismo, satanismo, paganismo, racismo e fascismo, entre outros, conformando uma estrutura simbólica que sustenta a identidade coletiva. Tal coesão ideológica favorece a emergência de um “instinto de rebanho” e de uma mentalidade grupal, nos termos de Freud (2011), em que o laço afetivo e a submissão a símbolos compartilhados substituem a autonomia individual.

Em Bataille (1987), pode-se compreender esse processo como uma experiência de fusão comunitária que, ao mesmo tempo em que dissolve a individualidade, legitima práticas transgressoras e violentas. Já em Reich (1988), o fascínio pela autoridade e a repressão dos impulsos sexuais canalizados em direção ao ódio e à agressividade revelam como a psicodinâmica do grupo se articula à consolidação de regimes autoritários. Assim, no caso do Black Metal Nacional-Socialista (NSBM), a mentalidade coletiva se manifesta não apenas por meio das práticas musicais específicas e de uma estética padronizada, expressa na iconografia, nas letras e nas performances, mas também pelo compartilhamento de um horizonte ideológico que organiza e legitima a adesão de seus seguidores.

O efeito psicológico de pertencer a um grupo ou massa confere ao indivíduo uma sensação de invencibilidade, permitindo a manifestação de impulsos que, isoladamente, seriam reprimidos. Esse fenômeno pode ser ilustrado pelos ataques incendiários a aproximadamente cinquenta igrejas na Noruega, perpetrados por integrantes do movimento Black Metal. Tais ações só se concretizaram após a difusão de ideias extremistas entre os grupos, os quais já contavam com o respaldo de numerosos jovens e com uma massa capaz de legitimar e viabilizar a execução dessas práticas.

Esse contexto evidencia não apenas a interdependência entre ideologia compartilhada, coesão grupal e ação coletiva violenta, mas também a consolidação de uma postura de intolerância religiosa e cultural, característica central da ideologia extremista promovida pelo movimento. Segundo Birman (2020), a intolerância no interior do grupo legitima e torna comuns práticas de rejeição à alteridade. Nesse movimento, o “outro” é inicialmente concebido como um adversário situado no campo da disputa, sendo depois convertido em inimigo absoluto, o que justifica a negação de sua condição de sujeito de direitos.

O discurso de ódio, longe de restringir-se ao plano meramente retórico, desdobra-se de maneira imediata na legitimação do uso da violência. Tal violência manifesta-se, por um lado, em sua dimensão



simbólica, por meio de estratégias de exclusão, estigmatização e silenciamento, e, por outro, em sua dimensão material, através da coerção física, da perseguição e, em casos extremos, do extermínio de grupos considerados “inimigos”.

Nesse sentido, Kehl (2020, p.235) observa que “os argumentos que movem a intolerância baseiam-se na busca de diferenças inconciliáveis entre povos ou culturas que, ao contrário, contam com uma larga margem de aspectos em comum”. No caso do Black Metal Nacional-Socialista (NSBM), essa lógica se expressa de forma particularmente intensa. O gênero articula intolerância e discurso de ódio não apenas em suas letras, que frequentemente exaltam o racismo, o antissemitismo e a apologia ao nazismo, mas também em sua iconografia, nas performances e nos eventos organizados por seus adeptos.

A música, nesse contexto, opera como um veículo privilegiado de difusão ideológica, pois transforma mensagens de intolerância em experiência estética, criando uma atmosfera de pertencimento coletivo que reforça os laços entre os integrantes do movimento. Assim, o Black Metal Nacional-Socialista (NSBM) exemplifica como a intolerância, ao ser estetizada e ritualizada, não apenas produz exclusão simbólica, mas também fomenta práticas sociais de violência, perseguição e radicalização política.

Um aspecto relevante a ser observado diz respeito à repetição da prática de queimar igrejas em outros países, como ocorreu na Suécia. Moynihan e Soderlind (2022) comentam que após Vikernes declarar publicamente na mídia de massa a ligação do Black Metal com o incêndio das igrejas na Noruega, três garotos de 18 anos queimaram a igreja de Lundby na Suécia em 7 de fevereiro de 1993. No dia 3 de julho, outra igreja foi atacada e queimada, desta vez por duas garotas de 15 anos que declararam ter cometido o ato como uma saudação a Vikernes e para exaltar Satanás.

Observa-se nesses episódios algumas características que Freud (2011) falou no seu texto *Psicologia das Massas e análise do Eu* ao afirmar que na massa o indivíduo é sugestionável, cedendo a um contágio mental exercido pela massa, onde o sujeito perde sua individualidade, vontade e discernimento em prol dos ideais da massa. Assim percebemos que a massa é impulsiva, volúvel, excitável, obediente, acrítica, influenciável e crédula. “Impulsos a que obedece podem ser, conforme as circunstâncias, nobres ou cruéis, heroicos ou covardes, mas, de todo modo, são tão imperiosos que nenhum interesse pessoal, nem mesmo o da autopreservação, se faz valer” (Freud, 2011, p.18).

No Black Metal Nacional-Socialista, observa-se uma postura extremista, conservadora, preconceituosa e intolerante, que persegue tudo aquilo que é considerado abjeto, como gays, negros, judeus, cristãos e estrangeiros. Seixas (2018) destaca que o caráter preconceituoso do movimento se manifesta em inúmeros relatos de agressão contra pessoas vistas por eles como desprezíveis, incluindo dois casos de assassinato: o primeiro cometido por Bard Faust, baterista da banda Emperor, que matou Magne Andreassen, um homem gay, com 37 facadas; e o segundo por Jon Nodtveidt, guitarrista e vocalista da banda Dissection, considerado culpado de assassinar Josef Ben Meddour unicamente pelo fato de ele ser



gay. Assim, ao se reunirem em massa, “todas as inibições individuais caem por terra e todos os instintos cruéis, brutais, destrutivos, que dormitam no ser humano, como vestígios dos primórdios do tempo, são despertados para a livre satisfação instintiva” (Freud, 2011, p.19).

Analisar o fascismo e o discurso de ódio no âmbito do movimento Black Metal Nacional-Socialista (NSBM), a partir da perspectiva psicanalítica, revela-se um tema de grande relevância na atualidade, na medida em que evidencia a força exercida pela massa sobre o indivíduo. Nas massas, a individualidade tende a ser suprimida, cedendo lugar ao espírito grupal. A adesão de jovens a esses grupos pode ser compreendida a partir de múltiplos fatores; entretanto, torna-se fundamental considerar as dinâmicas inconscientes que impulsionam o sujeito em direção a práticas e ideologias extremistas, fenômeno que se apresenta de forma crescente no cenário atual.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos observar, o Black Metal tem suas origens marcadas por atos de violência e crime, elementos que atraíram jovens em busca de rebeldia e de chocar uma sociedade estruturada em valores judaico-cristãos. Além disso, a estética do Black Metal desempenha papel central nesse processo, como o uso do *corp paint*, vestimentas pretas, militarizadas, iconografia macabra e performances teatrais reforçaram o caráter transgressor e extremo do gênero, criando uma identidade visual que amplifica a mensagem de ruptura com normas sociais e religiosas.

O desdobramento desse processo resultou no surgimento do Black Metal Nacional-Socialista (NSBM), quando jovens noruegueses, em um ímpeto nacionalista, passaram a adotar e difundir ideais neonazistas por meio de suas bandas, que pregavam a supremacia da raça ariana sobre aqueles que consideravam sub-humanos. Essa propaganda pode ser identificada tanto nas letras das músicas quanto nos materiais visuais dos álbuns, permeados por símbolos, fotografias e imagens que exaltam o nazismo.

Diante desse cenário, torna-se fundamental reconhecer que o Black Metal Nacional-Socialista (NSBM) não constitui apenas uma manifestação cultural ou musical, mas um fenômeno que atravessa dimensões sociais, políticas e psicológicas, legitimando práticas de ódio, intolerância e exclusão. Por essa razão, é imprescindível ampliar o debate acadêmico e social sobre o tema, fomentando pesquisas que investiguem não apenas os mecanismos de adesão e de propagação dessa subcultura extremista, mas também as dinâmicas inconscientes que, conforme aponta a psicanálise, impulsionam o sujeito em direção à massa e à identificação com ideologias autoritárias.

Assim, a relevância de estudos nessa área se justifica tanto pela necessidade de compreender a forma como discursos de ódio se disseminam em espaços culturais quanto pela urgência de construir estratégias de enfrentamento que envolvam educação, políticas públicas e reflexão crítica. Somente por meio de uma abordagem interdisciplinar será possível desvelar os múltiplos aspectos do fenômeno e contribuir para a



preservação de uma sociedade mais plural, democrática, tolerante e comprometida com a dignidade humana.



## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. La personalidad autoritaria. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1965.
- ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- ARENDT, Hannah. Los orígenes del totalitarismo. Madrid: Alianza Editorial, 2006.
- ARYAN TERRORISM. A national socialistic call. In: War. Ucrania: Resistance Records, 2002. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/aryan-terrorism/a-national-socialistic-call/significado.html> Acesso em: 26 julho. 2025.
- \_\_\_\_\_. “Our banner, swastika! In: War. Ucrania: Resistance Records, 2002. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/aryan-terrorism/a-national-socialistic-call/significado.html> Acesso em: 12 ago. 2025.
- BATAILLE, Georges. The psychological structure of fascism. Alemanha: New German Critique, 1987.
- BIRMAN, Joel. A derrota da intolerância?!. In: AMARANTE, P., org. Ensaios: subjetividade, saúde mental, sociedade [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000. Loucura & Civilização collection, pp. 95-105. ISBN 978-85-7541-319-7.
- CAMPOY, Leonardo Carbonieri. Trevas sobre a luz: o underground do heavy metal extremo no Brasil. São Paulo: Alameda, 2010.
- COSTA, Christiane Santos Alves. O black metal nos documentários musicais: notas sobre estética e distopia (1994-2017). Orientador: Armando Alexandre Costa de Castro. 2021. Dissertação (mestrado Interdisciplinar em Cinema e Narrativas Sociais) – Universidade Federal de Sergipe, 2021. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/14533>. Acesso em: 03 jun. 2025.
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In. Obras completas de Sigmund Freud. Volume 15. Tradução de. Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DESIMONI, Luis Maria Apologia do crime, conflito de culturas globais e violência no streaming de filmes. 2024. Disponível em: <https://ar.microjuris.com/?tipo=list#>. Acesso em: 05 de ago. 2025.
- ECO, Umberto. O fascismo eterno. Tradução de. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- KEHL, Maria Rita. Ressentimento. São Paulo: Boitempo, 2020.
- MORAES, Lucas Lopes. “Hordas do metal negro”: guerra e aliança na cena black metal paulista. Orientador: José Guilherme Cantor Magnani. 2014. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-08052015-104127/pt-br.php>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- MOYNIHAN, Michael & SODERLIND, Didrik. (2022). Lords of caos. Trad. Tavo Mata Machado. Estética Torta.
- REICH, Wilhelm. A psicologia de massa do fascismo. São Paulo: Martins Fontes, 1988.



SEIXAS, Luana Cristina. Metal extremo: estética pesada no black metal. Orientador: Elizabeth de Paula Pissolato. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018. Disponível em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/8436>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SENA, Raffael Silveira. Da transgressão ao conservadorismo: a escalada da extrema direita na cena metal. Orientador: Luis Henrique Herminio Cunha. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, 2019. Disponível em <https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/11034>. Acesso em: 25 jun. 2025.

STANLEY, Jason. Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2019.

VIKERNES, Varg. Um conto de bardo. Vogel, 2006. Disponível em <https://burzum.org/eng/news.shtml>. Acesso em: 01 ago. 2025.